

A CONCEPÇÃO DE PESSOA NO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

RESUMO: O presente trabalho tem pretensão de compreender o conceito de pessoa segundo a perspectiva filosófica de Emmanuel Mounier, destacando o processo de afirmação do ser pessoa no mundo através da vocação, comunicação e encarnação, esses compreendidos como etapas de profundo recuperação do conceito que se perdera a partir da Segunda Guerra mundial, onde a descrença ficou impregnada na sociedade humana como um todo. Esta perspectiva pretende a realização da pessoa com outrem. Para isso, é necessário romper com as amarras do consumismo e individualismo. Valorizamos a pessoa em suas dimensões e respondendo aos desafios do tempo presente.

Palavras-chave: Pessoa. Mounier. Vocação. Encarnação. Comunicação. Comunhão.

ABSTRACT: The present work intends to understand the concept of person according to the philosophical perspective of Emmanuel Mounier, highlighting the process of affirmation of being in the world through vocation, communication and incarnation, understood as stages of deep recovery of the concept that is had lost since the Second World War, where unbelief was impregnated in human society as a whole. This perspective intends the realization of the person with another. For this, it is necessary to break with the bonds of consumerism and individualism. We value the person in his or her dimensions and responding to the challenges of the present time.

Keywords: Person. Mounier. Vocation. Incarnation. Communication. Communion.

A concepção de pessoa ao longo da história da filosofia tem se pautado em dois enfoques: um primeiro, a pessoa é tomada em si, como ser individual e possuidora de uma estrutura ontológica que a define: racionalidade, consciência, animalidade e liberdade; numa segunda perspectiva, a pessoa é considerada em sua relação eu-tu e nós-mundo; deve ser aberta as relações e só assim poderá ser reconhecida a partir das suas relações sociais; a pessoa é relação aos outros e ao mundo, situados na história e firmada em uma comunidade (PEGORARO, 2005, p. 46). E, aqui, nos deteremos à concepção de pessoa que considera esse último foco, fixando-nos a perspectiva de Emmanuel Mounier (1905-1950), filósofo contemporâneo, nascido em Grenoble (França), responsável pela publicação da revista *Espirit* (1932), um dos nomes propagadores da filosofia personalista. O movimento personalista nasceu a partir da crise de 1929 com a queda da bolsa de valores, em Nova Iorque. Em meio à crise espiritual e econômica que se encontrava a Europa, sem falar no processo de ascensão do nazismo, fascismo e da Segunda Guerra Mundial. E, nesse contexto, a preocupação era a retomada da concepção de pessoa e da sua existência, pois

era predominante nessa sociedade a falta de esperança, a negação da pessoa e o pessimismo.

"O termo personalismo é relativamente recente. Renouvier empregou-o em 1903, para classificar a sua filosofia, caindo depois em desuso" (MOUNIER, 2004, p. 13). Porém, só mais a diante, em 1930, temos a retomada das questões por Emmanuel Mounier e a revista *Espirit*. A característica fundamental do personalismo é a oposição a todo tipo de reducionismo da pessoa, ou a espírito ou a corpo. A concepção do personalismo é caracterizada pela compreensão do ser pessoa como um todo. Com isso, a pretensão é possibilitar ao indivíduo a condição de se tornar pessoa, pois ela se encontraria privada de exercer tal condição pelo fato da "desordem estabelecida", mantida pelo mundo moderno, mais precisamente pela civilização burguesa e individualista, causando, assim, "a impossibilidade, para um individuo, de alcançar harmoniosamente a condição de pessoa". (DOMENACH, 1969, p. 30)

O personalismo foge a toda pretensão de previsibilidade, pelo seu próprio ponto de partida: a pessoa. Por isso, não podemos querer nessa proposta filosófica uma sistematização com a qual estamos acostumados: mecanizada e propulsora de soluções. "O personalismo é uma filosofia, não é apenas uma atitude. É urna filosofia, não é um sistema." (MOUNIER, 2004, p. 14). É necessário compreender que não queremos definir a pessoa. O que vamos fazer é evidenciar, trazer à tona, o real sentido de pessoa. Por isso, não iremos definir o termo pelo fato de isso significar uma maneira de fecharmos ou circunscrever a pessoa a ideias deterministas e reducionistas. A definição limita toda a riqueza da pessoa em si e para os outros. A pessoa não é completamente indefinível. O que sabemos sobre ela nos conduz a uma busca mais profunda sobre a complexidade da questão, pelo fato de que na medida em que nos colocamos como observador, observamos a nós mesmo. Mas, mesmo assim, é necessário esse conhecimento para que possamos ter um entendimento mais profundo sobre o que somos e o que devemos ser.

No livro, o Personalismo (1949), E. Mounier nos apresenta como ponto inicial a questão da pessoa como existência incorporada. Não dá para se chegar a compreensão do homem como pessoa se não o percebemos como corpo, natureza, matéria: "O homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente espírito." (MOUNIER, 2004, p. 29). Nesse ponto, pretende-se reafirmar que a pessoa não é só corpo, nem só espírito. Isso é um

esforço para combater o dualismo reinante entre o corpo e alma, iniciada pelos gregos e chegando até nós. Assim, o nosso dever é modificar essa perspectiva dualista pelo nosso modo de viver e de pensar, dando valor ao corpo. Pois, "a natureza - [...] - em nada contribui para o mal do homem: a encarnação não é uma queda." (MOUNIER, 2004, p. 30). É antes uma situação de experimentar a condição de "desafio", pois a objetividade, do nosso corpo, nos conduz a lançar-nos em busca da transcendência.

A pessoa não pode, apenas, fixar-se na natureza que a compõem, a sua natureza material. Porém, também não pode desprezar o corpo, pois é pela consciência de sua corporeidade que se confronta com o mundo. Se não fosse o corpo os filósofos não teriam feito suas inúmeras elucubrações, se não fosse o corpo os santos não teriam tido tantas experiências místicas. O corpo não é o constitutivo principal, se assim podemos dizer, da concepção de pessoa, mas é por meio dele que podemos expressar-nos mesmo de forma limitada. Considerando as várias experiências que levaram a termo as várias teorizações científicas, podemos dizer que a pessoa foi também de certa forma, afetada por essa pretensão de reduzir a vida a dados exatos, imutáveis, determinados; no entanto, "[...] o homem escapa-lhe: O homem é um ser natural, mas é um ser natural humano. E, exatamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele pode transformar [...]." (MOUNIER, 2004, p. 32). Mounier ao apresentar conceito de pessoa coloca a comunicação ("relação") como o ponto essencial de compreensão. A própria relação da subjetividade (pensamento) e corporeidade (matéria) é uma relação mútua, por ela, somos impulsionados a encontrar-nos com os outros. Diz Mounier:

Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio, ao mundo, aos outros, através dele escapo a solidão de um pensamento que mais não seria do que pensamento do meu pensamento. [...] Acrescentarmos a seguir que um ser que só fosse objetivo nunca atingiria esse acabamento do ser que é a vida pessoal. (2004, p. 37)

O corpo é a manifestação do ser, no entanto, nos coloca em situação de opacidade, nos impede de viver uma consumação da experiência. Na sua concepção o primeiro próximo é o corpo e, por meio dele, podemos nos aproximar de todo próximo.

Meu corpo é meu primeiro próximo, o instrumento de aproximação de todo próximo, o intermediário-nato.[...] Pode ser sofrido, ou mesmo levado mas como um objeto, um meio-de, um aparelho-para, e então se torna a mais entulhante, a mais opaca de minhas propriedades, aquela que me ofusca, ao mesmo tempo, a percepção das coisas de Deus, a compreensão de outrem, o conhecimento de si mesmo, e o gosto da vida pessoal. Ou então eu prefiro associá-lo, a título de cooperador, em meu esforço de liberação, por um ato que o salva e o faz participar de todas as dignidades que eu abordo. (MOUNIER, 1971, p. 29-30)

O ser pessoa passa pelo encontro com uma segunda pessoa. A comunicação é a ação suprema da realização da pessoa, pois a primeira experiência é a da segunda pessoa. Assim podemos dizer que ser pessoa é comunicar-se, é, acima de tudo, esvaziar-se para assumir com generosidade o outro. “A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, dentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o.” (MOUNIER, 2004, p. 46). Essa experiência, que é fundamental, leva-nos ao reconhecimento de nós mesmos como pessoas e ao reconhecimento do outro. O ser pessoa se confunde com o amor ao outro. Há, portanto, a quebra com um fundacionismo subjetivista e adere de um novo *cogito*: amo logo existo. O que antes estava na razão passa ao reconhecimento do outro na comunicação do amor. O amor é a nossa manifestação do ser pessoa. Alicerçados pela nova existência somos chamados a colher o fruto maduro, a comunhão. E essa comunhão se expressa através da vida em comunidade que se apresenta como “a concretização da relação mútua, pessoa a pessoa, e também, pessoa a pessoas, como relação de relações.” Nesse processo de vida em comunhão, definido como o encontro de duas faces, dois rostos, devemos também compreender o que é ser pessoa e o que é indivíduo. A pessoa é uma realidade que se apresenta ontologicamente dentro de nós, porém se expressa na relação com outrem. Assim, podemos dizer: somos pessoas a caminho do outro.

A pessoa só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está. Não o conseguirá virando toda a atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornando-se disponível (G. Marcel), e por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros. (MOUNIER, 2004, p. 45)

Para Mounier, "o individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa". (2004, p. 44) Diante disso podemos tirar a pessoa desse cerco que aperta partindo dos seguintes passos:

- 1º. - Sair de nós próprios. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponíveis aos outros. [...]
- 2º. - Compreender. Deixar de me colocar sempre no meu ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. [...]. Ser tudo para todos sem deixar de ser e de ser eu; porquanto há uma maneira de tudo compreender que corresponde a nada amar e a nada ser; dissolução nos outros, não já compreensão dos outros. [...]
- 3º. - Tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, "sofrer na nossa própria carne".
- 4º. - Dar. A força viva do ímpeto pessoal não está, nem na reivindicação (individualismo pequeno-burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. [...]
- 5º. - Ser fiel. [...] As dedicações pessoais, amor, amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, como sucede na matéria ou nas generalizações lógicas, mas um continuo renovamento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora. (MOUNIER, 2004, p. 47-48)

Podemos dizer: somos um grande mistério que se manifesta corporalmente, encerrando um profundo segredo. Por isso, "a pessoa não é uma coisa que se pode encontrar no fundo das análises, ou uma combinação definível de aspectos." (MOUNIER, 2004, p.59) É o que Mounier chamar de inventariável. É uma presença ativa e sem fundo, sem limites (MOUNIER, 2004, p. 26.) A pessoa apresenta-se como exteriorização. Porém, não podemos determiná-la apenas por esse aspecto, pois ela é muito mais que isso; é um composto de interioridade e exterioridade não podemos circunscrevê-la a nenhuma dessas dimensões, pois a pessoa é totalidade. O personalismo de Mounier se apresenta como resposta aos grandes sistemas que se detiveram a reduzir a pessoa, como é o caso do materialismo e do espiritualismo. Essa resposta pretende colocar a pessoa em seu lugar. Pois, a pessoa é imensurável, não podemos abarcá-la com nossa visão tão limitada. Ela escapa a tudo isso, devido a sua própria estruturação que se configura em três dimensões: vocação, encarnação e comunhão.

[A pessoa] é equilíbrio em comprimento, largura e profundidade, é tensão, em cada homem, de suas três dimensões espirituais: a dimensão profunda que o encarna; a vertical que o eleva ao universo, e a horizontal que o leva a uma comunhão. Vocação, encarnação, comunhão, três dimensões da pessoa. (MOUNIER, 1971, p. 63-64)

Essas dimensões são indissociáveis. Não podemos ter a pretensão de alcançar o núcleo da pessoa apenas em alguns aspectos da totalidade do ser pessoa. Do contrário, cairíamos no erro de reduzir a pessoa a uma de suas partes como fizeram os filósofos materialistas, racionalistas, espiritualistas e outros. A primeira dimensão da pessoa é a **vocação**. Esse termo possui várias acepções, mas, aqui, tomaremos a vocação como o despertar do homem enquanto ser pensante, enquanto ser em-si. É a escuta do chamado para uma unidade, o que não pode ser assumido senão pela própria pessoa.

A vocação é pois, para a pessoa, ao mesmo tempo unificação de si, de seu espiritual independente, recolhimento ao seu secreto, a intimidade, ao privado e abertura do mais secreto de si mesma à transcendência que a explica, sustenta, e chama, sempre conservando totalmente o uso de sua liberdade interior. (MOUNIER, 1971, p. 63-64)

No personalismo, a vocação é uma das dimensões que serve como alicerce para a construção da pessoa. A pessoa só é, realmente, pessoa se e somente se percebe como vocacionada, pois só através da consciência de si é que o homem poderá assumir-se como pessoa.

É preciso descobrir dentro de nós, sob o amontoado das dispersões, o próprio desejo de procurar essa unidade viva, de longamente escutar as sugestões que ela nos murmura, de longamente escutar as sugestões que ela murmura, de a experimentar no esforço e na penumbra sem nunca estarmos absolutamente seguros de a possuir - o que, mais do que qualquer outra coisa se assemelha a um chamamento silencioso numa língua que passamos a vida a traduzir. (MOUNIER, 1971, p. 64)

Essa volta para dentro de si, essa busca, é justamente, a meditação que Mounier chama, também, de recolhimento. Para alguns, essa atitude contradiz o que foi explicitado no capítulo primeiro, quando tratamos do conceito de pessoa, porém não o é, trata-se apenas de uma conversão de forças, um recuo para que, depois, possamos avançar. E a condição para atingirmos o centro da pessoa de forma direta. A segunda dimensão é a **encarnação**. É a objetivação da pessoa, a "notoriedade" através da qual ela se põe no

mundo, faz parte da história e, concomitantemente, é responsável por sua construção. Como afirma Mounier:

Minha pessoa é encarnada. Ela não pode ser, pois, se libertar inteiramente, nas condições em que está colocada, das sujeições da matéria. Mais que isto, ela não pode se elevar se não através da matéria. Querer fugir a esta lei é, de antemão, se condenar ao fracasso: quem quer bancar o anjo, banca o tolo. O problema não é evadir-se da vida sensível e particular entre as coisas, limitadas no seio de sociedades através dos acontecimentos, mas transfigurá-las. (MOUNIER apud DOMENACH, 1969, p. 47)

Nessa dimensão, o homem que se conhece interiormente tem que se conhecer exteriormente, pois não tem sentido vivermos como “anjos” na terra, a nossa natureza não nos permite assumir tal postura. O que ocorre na encarnação é um elo tão profundo que é difícil separá-la de sua vocação (interioridade). Uma depende da outra e não podemos pensar uma sem a outra, pelo fato de a exterioridade ser a expressão coerente da interioridade. “A pessoa é uma interioridade que tem necessidade de uma exterioridade.” (MOUNIER, 2004, p. 66)

Dentro da encarnação há um movimento perceptível da mesma. É a sua sustentação: o engajamento. O engajamento nos torna comprometidos, responsáveis e, por isso mais humanos, mais encarnados. Pelo engajamento conseguiremos modificar a exterioridade, nos formar, nos aproximar dos outros homens e enriquecemos o nosso universo de valores (MOUNIER, 2004, p. 103). O engajamento é a atualização dos projetos feitos no momento do recolhimento, na meditação. Um homem engajado é um homem que se conhece e se lança em defesa de seus projetos e os dos outros. Apresentamos por fim a dimensão da **comunhão**. É a manifestação da pessoa enquanto tal. É o momento em que o subjetivo toma consciência da objetividade, a dele e a do outro, e lança-se. Nessa dimensão somos levados a duas atitudes: 1) a atitude de isolamento e 2) a de exteriorização sem retorno.

Na primeira é o sentimento de que o outro impede de ser pessoa, como afirmava Sartre, na sua perspectiva filosófica. A segunda é que ficamos tão presos à exterioridade que não temos mais condições de retornar sobre nós mesmos. Por tanto, nos perguntamos: podemos ser pessoas, no sentido pleno, se nos encontramos em tais situações? Para Mounier parece que não, pois dentro desse contexto acabamos nos alienando, não nos

reconhecendo como pessoas como seres de relação. A saída apresentada pelo autor é a comunhão. Somos seres de relação, logo, se não vivemos essa dimensão estamos negando a nós mesmos. A comunhão é o cume da comunicação. Sem a comunicação não há comunhão. E essa comunhão se realiza no amor, que se apresenta como maior certeza do homem (MOUNIER, 2004, p. 49). Por isso que caracterizamos a pessoa como ser aberto, mesmo nas suas dificuldades, pois as transcende. A comunhão nasce desse abandono aos outros, nesse perder-se, nessa doação. É arriscar-se e desprender-se sem olhar o preço.

Por isso, a comunhão é, sobretudo, ato de amor. Não nos prendemos as imperfeições dos outros, mas os reconhecemos enquanto outros diversos de nós, conferindo-lhes liberdade, reconhecendo-os como pessoas. "Por isso a relação interpessoal positiva é uma provocação recíproca, uma mútua fecundação" (MOUNIER, 2004, p. 49), pois, quando vivenciamos a essa relação, somos enriquecidos e enriquecemos a nós e aos outros. Contudo, a perspectiva de reconhecimento de si e do outro, apresentada por Emmanuel Mounier, lança luz a um possível agir ético da pessoa enquanto capaz de agir reconhecendo no outro um capaz de fazê-la descobrir a integridade do seu ser e de construção uma sociedade em que afaste todo espírito de desigualdade que degrada e leva o ser humano a ambiciosa busca pelo material. Mounier apresenta na sua filosofia um itinerário razoável de tirar o homem do fosso de desesperança que tomava conta do seu tempo. Mais do que isso, a filosofia do Emmanuel Mounier é uma filosofia do agir sem perder de vista a necessária reflexão. Aproximando dos nossos dias, onde a desesperança toma conta da nossa sociedade, por causa da corrupção, da instabilidade econômica e da insegurança político-social. A encarnação e a construção da comunhão, passa pela reflexão interior de um compromisso de engajamento de assumir a responsabilidade de modo pessoal, mas também por meio das instituições civis e políticas, através de uma participação ativa nos debates e nas pautas apresentadas pela contemporaneidade, na luta pelo reconhecimento do ser pessoa em todas as instâncias do tecido social e político.

REFERÊNCIAS

DOMENACH, Jean Marie (org.) at el. A Presença de Mounier. São Paulo, 1969. A Presença de Mounier. São Paulo, 1969.

MARIAS, Julian. Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

MOIX, Candide. O pensamento de Emmanuel Mounier. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.

MORENO VILLA, Mariano. El hombre como Persona. Madrid: Caparrós, 1995.

MOUNIER, Emmanuel. O Personalismo. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. O Compromisso da Fé. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

PEGORARO, Olinto. Introdução à Ética Contemporânea. Rio de Janeiro: Uapê, 2005.

REALE, Giovanni; **ANTERIERI**, Dário. História da Filosofia. v. 3. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

VILELA, Orlando. A Pessoa Humana no mistério do mundo. Petrópolis: Vozes, 1968.

VV.AA. Persona e Personalismo. Padova: Gregoriana, 1992.